

ANNO VI
NUMERO 136



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers » » Carl Lassen

» » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º



Arte Musical

Compram-se os n.ºs 1, 2, 6,
9, 11, 40, 42, 56, 57
e 59 da presente publi-
cação.

Diz-se n'esta redacção.

P. DOS RESTAURADORES, 4



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000 pianos
Produção até hoje..... 100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega.—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N.—53, JOANNISTRASSE
 PARIS—334, RUE S. T HONORE
 LONDON W.—40, WIGMORE STREET

LAMBERTINI
Fornecedor da Casa Real
UNICO DEPOSITARIO
 DOS
CELEBRES PIANOS
 DE
BECHSTEIN

LISBOA ELEGANTE
 Casa especial de gravatas, collarinhos e punhos.
M. C. ALVES
 NOVIDADES DE LONDRES E PARIS
 15a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

A. ALABERN
 OFFICINAS DE
Photogravura e Zincographia
TERRAS DO MONTE

TRIDIGESTINA LOPES
 Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)
 Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.
PHARMACIA CENTRAL
De F. LOPES
 108. R. DES. PAULO, 110—Lisboa

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 E 49

Proprietario e Director

LISEOA

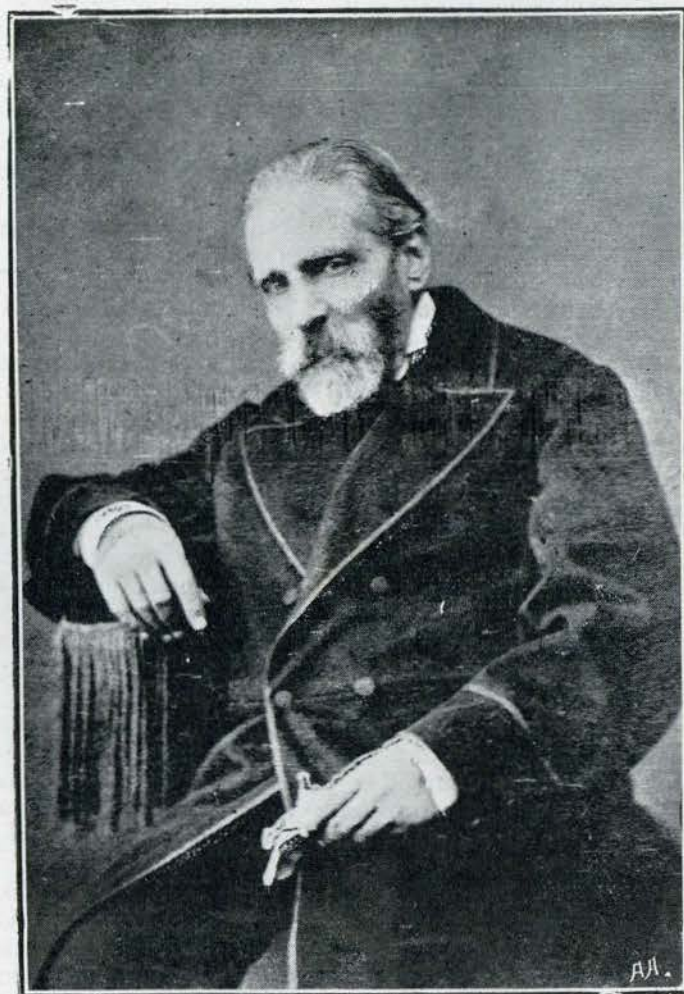
Editor

Michel'angelo Lambertini

Rua da Assumpção, 18 a 24

Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO: — Lauro Rossi. — Bayreuth. — Archeologia musical. — Os violeiros antigos. — A harpa chromatica. — Francisco de Lacerda. — Noticiario. — Bibliographia. — Necrologia.



LAURO ROSSI

LAURO ROSSI

Este compositor nasceu em Macerata a 20 de fevereiro de 1812, e ainda em idade juvenil entrou no collegio de S. Sebastião de Napoles, onde teve por mestres Furno, Créscentini e o celebre Zingarelli. Em 1829, contando apenas 17 annos concluiu brilhantemente os seus estudos musicaes.

Aos 20 annos foi nomeado director artistico e chefe d'orchestra do theatro *della Valle*, de Roma, quando já o seu nome era conhecido por varias operas representadas e algumas com bem lisongeiro successo.

Os annos de 1835 a 1844 foram occupado por Lauro Rossi em viagens artisticas ao Mexico, com uma companhia theatral de que era director, e successivamente á Havana, Nova Orleans e por fim a Madrasta, na India britannica. Essa longa *tournee* em que a sorte se lhe mostrou varia e incerta durou nove annos, sendo apenas em 1844 que Rossi regressou a Italia, d'onde não tornou a sahir.

Em 1850 o seu justo e elevado merecimento conferiu-lhe o elevado cargo de director do Conservatorio de Milão, o qual exerceu sem interrupção até ao anno de 1871, em que lhe foi offerecido identico posto no Conservatorio de Napoles, que a morte de Mercadante deixara vago. Rossi passou a occupar esta ultima commissão até 1882, em que septuagenario e doente se retirou á vida privada, passando a residir em Cremona onde falleceu no noute de 5 a 6 de maio de 1885, depois de curta doença.

Rossi é uma das mais notaveis individualidades musicaes da Italia no seculo XIX. Compositor fecundo e largamente inspirado abordou todos os generos, sobrelevando especialmente na musica theatral, assim no genero serio como no buffo.

São muito numerosas as suas composições para que as mencionemos todas. Bastar-nos-ha indicar as mais applaudidas e festejadas, que essas são ainda assim bem frequentes. Citemo-las portanto pelas datas da primeira representação: *Villana contessa* (buffo) 1830; *Disertore svizzero* (idem) 1832; *Falsi monetari o la Casa disabitata* (idem) 1834; *Cellini a Parigi* (serio) 1845; *Azena de Granata* (idem) 1846; *Bianca Contarini* (idem) 1847; *Dominó nero* (semi-serio) 1849; a sua composição mais generalisada na scena lyrica; *Gli artisti alla fiera* (comico) 1868; *Contessa di Mons* (serio) 1874; e *Cleopatra* (idem) 1876; a ultima composição escripta para a scena.

Compoz igualmente uma grande oratoria

Saul, que encontrou exito grandioso, duas elegias sentidissimas *In morte di Bellini* (1835), e *A Mercadante* (1876), muitas peças d'orchestra, cantatas, missas, exercicios e vocalisações de canto muito estimados, melodias para diversas vozes, seis fugas para quarteto, etc., etc.

Como obra didactica publicou, editada pela casa Ricordi, *Le Guida ad un corso di armonia pratica orale per gli allievi del Conservatorio di Milano*, obra que ainda por muitos annos depois do autor haver deixado a regencia d'aquelle conservatorio, se adoptava para o ensino do estabelecimento com proveitosa utilidade.

A maxima parte das operas de Rossi são desconhecidas em Portugal. Que nos conste apenas se cantaram no theatro de S. Carlos os *Moedeiros falsos* e *Azena de Granada*. Nem sequer a sua obra prima *Dominó preto* se representou jámais no nosso theatro. E' antigo o sestro de se attender pouco á escolha do repertorio.



Bayreuth

Historia do theatro

Em seguimento ao artigo que no anterior numero consagravamos á cidade wagneriana parece-nos a proposito descrever a que serie de circumstancias obedeceu a construcção do Festspielhaus e quaes os factos essenciaes da sua historia.

A ideia de edificar um theatro modelo, destinado especialmente á execução dos seus grandes dramas e expressamente construido com esse intuito parece que germinava desde longa data no espirito de Riccardo Wagner, antes que pudesse levar-a a effeito.

Já em 1836, em uma *Comunicação aos meus amigos* vemos Wagner declarar que não escreve mais *peças de repertorio* e que a sua ambição é vêr as suas obras representadas em *um local fixo e em condições especiaes*.

Em 1853, depois do exito dos seus concertos em Zurich, tinha já concebido a ideia de estabelecer na *Suissa* um theatro especial, summariamente construido, mas adequado ás proprias exigencias; a intenção era fazer representar *durante um anno* todo o seu repertorio, incluindo a Tetralogia do *Annel*.

Mais tarde, em 1862, no prefacio do *Annel de Nibelung*, volta a exprimir, e então mais claramente, o desejo de edificar um

theatro novo para instituir festas theatraes, ideia que só pode ser exequível, conforme elle proprio o diz, com o concurso de particulares e sobretudo com a alta protecção d'um soberano.

Sabe-se como este curioso presentimento se poudo realisar. Dois annos depois subia ao throno da Baviera o rei Luiz II, que contava apenas 19 annos de idade e o moço monarcha, com a sua alta influencia e com o seu dinheiro, é que havia de operar o milagre.

De 1865 a 1870 o *Tristão*, os *Mestres Cantores*, o *Ouro do Reno*, e a *Walkiria* foram representados em Munich, sendo por essa occasião que se decidiu, em principio, a construcção do edificio.

O rei desejava que elle fosse elevado em Munich: Wagner, porém, não se conformou com esse desejo.

Desde 1867 que o famoso architecto Gottfried Semper fôra encarregado por Luiz II de desenhar um projecto que realisasse os intuitos de Wagner.

Mas Semper tinha ideias grandiosas e o proprio rei se assustou com o custo exorbitante da construcção que elle tinha imaginado; foi preciso, como se verá mais adiante, que o *maestro* se dirigisse a toda a nação allemã, para o conseguimento dos seus fins e que fizesse vibrar as cordas do orgulho artistico de todo o paiz.

Foi em maio de 1871 que Ricardo Wagner teve occasião de visitar pela primeira vez a pequena cidade de Bayreuth, que o encantou desde logo. Ligando-se de amizade com dois homens essencialmente praticos, Feustel e Gross, poderam estes obter-lhe da municipalidade de Bayreuth a cendencia gratuita do terreno preciso para a construcção do theatro e da sua moradia particular.

Foi ainda o architecto Semper quem se encarregou do plano definitivo, cujo orçamento se elevava á cifra respeitavel de 225 contos.

Estava portanto tudo arranjado; isto é, tudo, menos... o dinheiro.

Wagner, comtudo não era homem que desanimasse por *tão pouco*.

Fallava-se muito d'elle, os seus escriptos davam brado, os seus concertos attrahiam uma multidão entusiastica; aproveitando esta corrente favoravel e pelo conselho de Carlos Tausig, o celebre pianista, emittiu 1:000 acções de 50 libras cada uma, dando aos accionistas o direito de assistir a 3 representações completas da *Tetralogia*, com que o theatro devia abrir.

Organisou-se um conselho administrativo que além dos habituaes trabalhos de geren-

cia assumiu uma missão especial de protectorado, que foi das mais fecundas, — a creação em todos os paizes cultos de associações wagnerianas, cujo principal intento era provocar subscrições, ainda das mais insignificantes quantias, para a acquisição de acções.

Logo que se chegou a cobrir um terço da emissão, procedeu-se á collocação, em grande solemnidade, da primeira pedra de *Festspielhaus*, o futuro Theatro das Festas. Foi o proprio Wagner, que completava n'essa occasião 69 annos, (22 de maio de 1872), quem presidiu a essa cerimonia.

No theatro *dos Margraves*, um velho theatro que ainda existe em Bayreuth, e que abre annualmente as portas á opera italiana e mesmo á operetta franceza emquanto o seu temivel rival não toma a palavra, realisou-se n'esse dia um grande concerto com a *Kaisermarsch* e com a *Nona Symphonia*, tomando n'elle parte um verdadeiro exercito de 400 musicos, entre cantores e instrumentistas.

Começaram logo as obras da construcção sob a gerencia dos architectos Runkwitz e Brückwald, mas o dinheiro faltava a breve trecho, á mingua de accionistas.

Wagner poz-se novamente em campo: deu concertos nas grandes cidades allemãs que lhe renderam cerca de 50 contos de réis, um concerto em Pesth, com o abbade Liszt, outros em Vienna: compoz uma *marcha festiva* para a Exposição de Philadelphia, que lhe foi paga por 5:000\$000 réis.

Tudo foi para a caixa de Bayreuth e ainda seria pouco se a generosidade do rei da Baviera não viesse mais uma vez em auxilio do grandioso projecto.

Em summa, só ao cabo de 40 annos de lucta e de esforços incessantes é que Ricardo Wagner conseguiu realisar o plano que desde 1836 germinava no seu espirito.

Que bella lição de perseverança e que bello assumpto de meditação para quem tenha o desanimo facil!

*

As tres primeiras representações da *Tetralogia* tiveram logar na segunda metade de agosto de 1876, durando cada uma d'ellas quatro dias.

Mas se o exito artistico foi grande e animador, o resultado financeiro não lhe correspondeu nem por sombras, pois que foi representado por um *deficit* de cerca de quatro contos de réis, a sahir directamente do bolso do Mestre.

O producto de uma serie de concertos em Londres e da venda das telas scenogra-

phicas da Tetralogia ainda não chegou para cobrir o mal aventurado *deficit*, tornando se novamente necessaria a bizarra intervenção do joven monarcha bavaro e de alguns dos antigos fundadores da empresa.

Mas durante 6 annos, isto é, até 1882 não houve meio de reabrir o theatro

N'esse anno tocou a vez ao *Parsifal* e essa segunda serie lyrica devia ser a ultima para Ricardo Wagner, que pouco tempo lhe sobreviveu. A partir d'ahi é que puderam realisar-se as epochas wagnerianas com uma certa regularidade e quasi todos os annos.

*

Contem a sala do theatro modelo 1344 logares de plateia dispostos em amphitheatro, em forma de leque, e contidos dentro de um edificio rectangular. As filas não tem portanto todas o mesmo numero de logares; emquanto que a 1.^a fila não tem mais de 32 cadeiras, a 30.^a tem 52.

Em toda a parte se vê bem e se está relativamente á vontade; no emtanto o centro da sala, desde a 4.^a até á 8.^a fila é o mais favorecido, sob o ponto de vista da acustica e da optica.

Nas paredes lateraes não ha camarotes nem galerias, mas ao fundo existe a *Galeria dos Principes*, serie de 9 camarotes seguidos a que já nos referimos e que alem dos hospedes de elevada gerarchia e nobreza recebe a propria viuva Wagner, bem como a sua familia e os seus intimos.

Por cima da *Galeria dos principes* ainda ha uma segunda galeria, destinada ás entradas de favor para o pessoal do theatro e onde se está bastante mal accomodado não só pela elevação da temperatura mas ainda por quasi se não vêr o que se passa na scena.

Com o acrescimo d'estas duas galerias, a lotação do theatro orça por 1500 logares

A illuminação consiste em uma dupla fileira de lampadas electricas d'incandescencia, apagando-se por completo a fileira inferior logo que começa o acto.

A ventilação é de primeira ordem e obedece aos mais rigorosos preceitos hygienicos.

A orchestra é, como se sabe, invisivel. As estantes e cadeiras são collocadas sobre uma serie de largos degraus que se prolonga para debaixo do palco, formando uma vasta concavidade subterranea. a que puzeram o nome de *abyssmo mystico*.

Os violinos estão á frente, como nas orchestas symphonicas, mas com os logares invertidos. — isto é, os primeiros á direita

do mestre e os segundos á esquerda.

Os outros instrumentos vão-se successivamente dispondo nas filas immediatas, pela seguinte ordem:

Harpas, flautas, cellos e c. baixos.

Oboés, clarinetes e fagotes.

Trompas e clarins.

Trombones, tubas e percussão.

Não esqueçamos, que pela especial disposição dos degraus, são estes ultimos instrumentos que se encontra na parte mais baixa da orchestra, succedendo n'este particular exactamente o contrario do que nas orchestras de symphonia.

Promenor interessante:—no recinto da orchestra é absolutamente interdito afinar os instrumentos e muito menos preludiar. Ha para isso uma sala especial.

Quanto ás outras accomodações do theatro, não tem cousa alguma de particular, a não ser a suppressão do *foyer* ou salão para o publico, o que para nós é um tanto estranho e inexplicavel. Nos intervallos é portanto forçoso sahir para fora do edificio e em occasião de chuva e mau tempo procurar abrigo nos *restaurants*, que os ha em abundancia em volta do theatro.

O privilegio do *foyer* pertence aos convidados de Mad.^{me} Wagner e aos altos personagens que tem assento na *Galeria dos Principes*; esses dispoem de tres confortaveis salões na parte posterior da referida galeria.

Por cima d'esses salões e ao nivel da segunda galeria ha um longo corredor, onde estão dispostas algumas recordações do Mestre e as corças que de toda a parte lhe foram enviadas, por occasião dos funeraes.

O exterior de *Festspielhaus* nada tem de interessante sob o ponto de vista artistico. E' uma grande construcção de tijolos vermelhos, com vigas á vista, sem pretensão alguma architectonica e onde não houve senão um objectivo — dispôr as accomodações internas da maneira a mais comoda e levantar ao genio do grande musico allemão um immorredouro padrão d'arte, que correspondendo á ambição mais elevada da sua gloriosa carreira mostrasse ao mesmo tempo a contemporaneos e a vindouros quanto poude a devoção e a tenacidade dos seus mais ardentos proselytos.

(De Lavignac—*Un voyage artistique à Bayreuth*).

Os festivaes de Bayreuth

Accêdo com o maior gosto ao pedido do redactor d'esta folha a dar as minhas impressões de Bayreuth. Mas hesito perante a dif-

ficuldade da tarefa. Mesmo a um publico mais familiarizado com a grande Arte é difficillimo dar uma ideia de Bayreuth quanto mais a um publico só acostumado a representações de «Opera»? Como fazer sentir a esse publico que as obras de Wagner não são «Operas», que o *Festspielhaus* «Casa de festival» de Bayreuth não é um «Theatro», que os Festivales não são «representações de theatro»? Só dizendo como os philosophos descrevem negativamente a Ideia Suprema: imaginem uma Arte completamente diferente de tudo o que em geral se chama arte. Não é sómente uma arte mais profunda, mais intensa que a geralmente conhecida, é a *Arte universal* «Gesammt Kunst» (intraduzível), que nos commove no nosso organismo inteiro dirigindo-se a todos os sentidos; é uma Arte que nos dá a suggestão d'uma *Vida Superior*.

E' preciso sentir isto para comprehender que só em Bayreuth se póde receber a impressão completa de uma Arte tão elevada. «Mas porquê? Não se construiu em Munich um theatro igual ao de Bayreuth, não se preparam ali as representações com o mesmo cuidado como em Bayreuth?» E' justamente esse theatro que mostrou a impossibilidade de imitar Bayreuth. Mesmo a perfeição da execução não se pode attingir em parte alguma como em Bayreuth, porque aqui os cantores são escolhidos de todo o mundo conforme a capacidade da sua individualidade para o papel, em quanto que em todos os outros theatros os papeis são distribuidos por necessidade á companhia que esse theatro occasionalmente possui. E mais, mesmo que os outros theatros quizessem imitar o *estyllo* de Bayreuth, nunca poderão alcançar a *unidade* que ha ali em toda a representação, desde a orchestra ate ao machinista e nunca poderão dedicar a quantidade de trabalho que se dedica ao estudo, porque em Bayreuth os ensaios começam mezes antes da primeira representação depois dos cantores terem sido instruidos durante todo o inverno pelo Musikdirektor *Kniese* de Bayreuth. E afinal, *Madame Wagner*, uma das mulheres mais geniaes que tem existido, sempre saberá melhor que qualquer outro artista, por mais genial que seja, as intenções de seu marido. Mas Bayreuth não conserva só a *tradição*, tambem é *creador*: toda a pessoa capaz de o sentir confessou que *nunca* tinha ouvido realmente *Lohengrin*, *Tannhäuser*, *O hollandez volante* antes de os ter ouvido ali: A *mise-en scène* verdadeiramente phantastica e poetica do *Hollandez volante* foi a obra de *Siegfried Wagner* que se revelou ahi um *regisseur* como não ha outro.

Mas tudo isto se refere ainda á execução. O que faz o encanto unico de Bayreuth é a *atmosfera* que envolve o ouvinte. Ali não se vae ao theatro a hora tardia da noite, depois de um dia fatigante de trabalho (ou quaesquer outras occupações tão fatigantes como o trabalho), não se vae pelas ruas atordadoras de ruido e vida accellerada, não se está no meio da vida cheia de cuidados e soffrimentos. Está-se *fora de tudo que forma a vida usual*: sentimo-nos unidos a uma companhia de estranhos pela intenção collectiva de assistir a uma *festa*: nenhuma occupação, nenhum cuidado desvia o pensamento e o sentimento; tudo é festivo. A natureza augmenta as impressões artisticas: o theatro é situado sobre uma collina d'onde se avista a cidade, campos e montes, e rodeado por uma floresta onde se passeia solitariamente durante os longos intervallos. Assim se gosa sem esforço algum uma obra que dura 4 ou 5 horas.

Afinal alguns esclarecimentos a proposito da representação do *Parsifal*. Não foi por «caturrice» alguma que a viuva de Wagner, como disse esta revista em geral tão sensata, quiz prohibir a representação em New-York: mas sómente para manter a vontade do compositor que destinou esta obra para ser executada sómente em Bayreuth por causa do seu character *religioso*. Quanto mais facil seria dar o *Parsifal* a todos os theatros e metter as *tantièmes* na algibeira. Mas em lugar d'isso *M.^{me} Wagner* mostra que é a herdeira digna do grande Mestre sustentando o seu ideal contra as accusações de uma grande parte do mundo. Mas julgam ainda que é por interesse material que ella quer reservar *Parsifal* para Bayreuth? Pois saibam que *toda a receita dos Festivales é depositada no cofre da «Stipendien Stiftung» fundada por Wagner para auxiliar musicos pobres que queiram ir a Bayreuth*; da receita do *Parsifal* a familia de Wagner não acceta nem um vintem.

O impresario de New-York tinha offerecido um milhão de marcos a *M.^{me} Wagner* pelo *Parsifal*, que ella regeitou.

Em resumo: Bayreuth não se descreve; quem quizer saber o que é, tem que lá ir.

J. VIANNA DA MOTTA



Archeologia Musical

(Continuado do n.º 134)

IX

«Caroto, bailador», dançou — iríamos jurar-o — no *Auto da Sybilla Cassandra*. e seria elle, talvez, o professor coreographo que ensinou Mofina Mendes a bailar, com o pote d'azeite á cabeça, até deixal-o perder o equilibrio, cahindo no chão, com bem pouca pena da tresloucada da moça.

Por suas boas manhas, pois, alcançou o Vestris da cõrte de D. Manuel e de D. João III direitos á régia generosidade. S. A. lhe mandou dar 2:000 réis de tença em «Tavila» (Tavira), e um moio de trigo. Não averiguaremos agora que differença poderia haver n'esta variante intromettida no quadro stereotypico da regia munificencia, e, em resultado, quaes ficariam de melhor partido, se as gargantas dos cantores, se as canellas de Caroto. O aprofundar d'este ponto historico bem merece uma Memoria á 2.ª classe da Academia. O ponto é interessante, e não ha de faltar quem aprofie em resolvel-o.

Passemos agora a examinar quem era a actriz do Theatro Normal dos Paços da Ribeira que nos parece estar nada menos do que considerada como actriz de 1.ª classe nos roes de Affonso Mexia, tão churumentas são as tenças que disfructa!

«It (*em Setuvel*) A Joana do Taço de tença, 33:960 réis» (L. das Tenças, pag. 114).

«It (*nos ordenados*) A Joanna do Taço de mercê, nos ordenados 3 mois de trigo» (Idem, pag. 116).

Affonso Mexia — nossos benignos leitores o terão já notado — não era excessivamente pechoso em apuros de grammatica, como o não eram todos os seus contemporaneos, dada a simples razão de que tal compendio era no seu tempo muito mais raro que o Breviario Romano.

A *cedilha*, para Affonso Mexia, era um dixe que elle concedia, como ornato, a certas palavras, para o negar a outras. N'esta distribuição caprichosa acontecia o que succede a todas as mercês do favoritismo; — quem as merece é que as não apanha. O guarda-livros de D. João III, semeando as *cedilhas* por sobre os seus roes, como canella em prato de arroz doce, arranjava-se de modo que onde ellas haviam de acertar, não apparecem, e *vice-versa*.

E' a maneira unica de explicar porque é que Affonso Mexia parece estar na crença de que *ço faz co*.

A' «Joana do Taço», do Mexia corresponde a Joanna do Taco, do Garrett. As mercês registadas pertenciam áquella «mal introuxada» que Pero Çafio compara á Maria Parda, por andar sempre «*de profundis*».

Setubal e Portalegre são terras fadadas para a arte de Melpomene. De Setubal foram as celebres irmãs Aguiar, aquellas trebenemeritas das artes scenicas, de que Luiza, a Todi, de memoria inextinguivel nos annos do «bel canto», foi a mais distincta. Portalegre foi a terra natal de Emilia Adelaide, de Beatriz Rente, e da primeira interprete que teve entre nós o papel da ingleza, na «*Sociedade onde a gente se aborrece*», uma boa utilidade, que foi morrer no Brazil.

Seria Joana do Taco aquella «desastrada Joanna» que Gil Vicente declara ter se mettido em má hora a fazer de Moura, da terra natal de Bocage? Eis outro ponto de tentação, para outra Memoria, que a nossa Academia poderia recompensar com a costumada distincção.

Certo é que nas rendas de Setubal é que a actriz do «*Auto de Gil Vicente*» teve assentada a grossa tença que Affonso Mexia registou.

Quem poderá dizer-nos se Joanna do Taco, reformada da companhia do grande auctoractor, por aquella pécha que elle lhe attribue, de «borrachona», não iria gastar a sua tença e comer os seus tres moios de trigo na terra da sua naturalidade, deliciando-se com o bello moscatel que já no seu tempo tinha fama!?

Emfim, tudo são pontos escuros n'este malfadado registo, que por algumas novidades bem fugitivas que nos deixou, tantas duvidas e incertezas nos legou tambem!

Seja, porém como fôr, o rol de nossos achados está completo, e o leitor alliviado da nossa, acaso, importuna erudição lisboeta.

Para outra serie de artigos, que melhor occasião propiciará, mostraremos aos leitores que D. João III, com ser cognominado *Piedoso*, não chegou a fazer milagres, que se saiba; e se no tempo breve de seu sobrinho as cousas continuavam como no seu, não era só com os 3 moios de trigo, da tença, que viviam os cantores da sua Real Capella, que officios «*accumulavam*» com os do Real emprego, fazendo pela vida como podiam, é o que para outra vez, contaremos.

GOMES DE BRITO



OS VIOLEIROS ANTIGOS

(Continuação de uma serie de artigos publicados nos numeros 107, 110, 111, 112, 113, 117, 120, 125, 127, 130 e 133.)

Vuillaume

Entre os *Vuillaume* existentes em Portugal esqueceu-nos mencionar no numero anterior o esplendido violoncello que pertenceu a Eugenio Sauvinet e hoje é propriedade do sr. Antonio Armando da Silva.

Tem a data de 1865.

Guersan

Luiz Guersan é um nome muito conhecido entre os amadores do violino, ignorando-se comtudo ao certo qual o periodo em que exerceu a sua actividade no mister de violeiro. Suppõe-se no emtanto que seria de 1730 a 1769, por apparecerem entre os numerosos specimens da sua fabricação, instrumentos com aquellas datas.

Foi habilissimo artista e fornecedor do Delphim e da Opera; n'esta ultima qualidade e por indicação do grande Rameau, encarregou-se da reparação de varios instrumentos do theatro e entre elles do unico contrabaixo de que se compunha a orchestra d'aquelle tempo.

Os seus instrumentos, cujo valor regula entre 60 e 80.000 réis, são elegantes e de bom acabamento — formato geralmente pequeno, voluta muito bem lançada, *ff* com bonito corte e verniz quasi sempre amarelado, citando-se-lhe a particularidade pouco lisongeira de ter sido um dos propagadores do verniz d'alcool. (1)

Suppomos que tenham vindo para Portugal diversos instrumentos com a marca de Ludovicus Guersan, mas não temos conhecimento senão do que possui o distincto violinista amator Augusto Gomes, com a data de 1751 e de outro que pertence a Joaquim Ferreira da Silva, nosso illustre correspondente em Leipzig.

Gand

Ha poucos annos que se extinguiu esta familia de violeiros, depois de ter figu-

(1) J. Gallay (*Les Luthiers italiens aux XVII et XVIII siècles*) não só lhe censura a innovação do verniz d'alcool, mas attribue aos instrumentos de Guersan uma sonoridade aspera e berrante.

rado durante mais de um seculo nos annaes da *lutherie* franceza.

Charles Michel Gand (1748-1820) nasceu em Mirecourt, mas veiu a estabelecer officina em Versailles, sob a ingenua legenda de *Aux tendres Accords*.

O seu filho mais velho, *Charles François* (1787-1845) foi alumno, genro e successor de Nicolau Lupot.

Em 1810 estabeleceu-se por sua própria conta em Paris e por morte de Lupot assumiu a gerencia da officina que o notavel mestre violeiro possuia na Rue Croix des Petits Champs, terminando, por seu punho, todos os instrumentos que Lupot deixára incompletos.

Accusam-o de empregar um verniz pouco transparente, mas o que é certo é que os seus instrumentos são muito estimados, obtendo facilmente o preço de 200 e 300.000 réis que os negociantes exigem por elles.

Era sobretudo habilissimo na reparação dos velhos instrumentos, por muito arruinados que se encontrassem.

Seu irmão, *Guillaume Gand* (1792-1838) tambem foi discipulo de Lupot, produzindo alguns instrumentos de valor.

Charles Adolphe (1812-1866), filho primogenito de Charles François, foi seu discipulo e immediato successor.

Em 1855 associou-se com seu irmão, *Charles Nicolas Eugène* (1825-1892) que mais tarde se ligou aos irmãos Bernardel, sob a firma social de Gand & Bernardel frères, de universal notoriedade.

Charles Nicolas Eugène creou reputação de habilissimo artista e profundo conhecedor dos assumptos da sua especialidade.

Ainda houve um *Michel Gand*, que praticou a sua arte em Versailles e um outro *Gand*, de Amiens, apenas conhecido pela etiqueta de um violoncello, datada de 1803.

Chanot

O primeiro violeiro d'este nome é *Joseph Chanot* (1760-1830) que viveu em Mirecourt e cujos trabalhos não teem merecimento algum.

Seu filho mais velho, *Francis Chanot* (1788-1823) é particularmente conhecido por ter querido modificar a forma tradicional do violino, com o intuito de lhe melhorar a sonoridade.

Construiu diversos exemplares do novo typo e obteve a approvação das Academias francezas, sem comtudo conseguir o mais interessante — isto é, que se adoptasse o seu modelo.

Georges Chanot (1801-1873), irmão do

precedente, foi artista muito mais serio e faz honra á escola franceza do seculo passado. Fabricou grande numero de instrumentos, de bella sonoridade, e inspirados na escola italiana.

Citamos apenas por memoria os seguintes Chanut, que se tem succedido até á actualidade, exercendo na Inglaterra a mesma industria:— *Georges* (1858-1893), e seus filhos *G. A. Chanut*, *Frédéric* e *Joseph*, que ainda viviam em 1901.

O maestro Alfredo Kéil tem na sua rica collecção instrumental uma rebeca de Francis Chanut, com a caixa harmonica em forma de viola e a voluta reclinada no sentido dos alaúdes. E' interessante para o estudo das modificações que Francis Chanut quiz introduzir na construcção usual do violino.

Fent

François Fent (1774-1789 approx.) é um dos melhores nomes da escola franceza, no seculo XVIII.

Serviram-lhe de norma os bellos modelos de Stradivarius e soube aproximar-se-lhe no bem contornado da voluta, no gracioso corte dos *ff* e em outros promenores de construcção — não tanto no verniz, que apesar de muito rico, era geralmente de uma côr tão carregada que ficava negro ao cabo de poucos annos.

Nos seus ultimos exemplares empregou porém outros vernizes de melhor effeito, predominando o vermelho escuro e a côr de ambar.

O illustre critico musical Dr. Esteves Lisboa, que tem assiduamente collaborado na nossa *Arte Musical* e é como se sabe um apaixonado cultor do violino, possui um *Fent*, que apesar de não estar revestido da competente assignatura, foi devidamente authenticado pela casa Gand & Bernardel em 1887.

Uma das violetas do Dr. João D'Korth é tambem de Fent, e tem a data de 1775: em 1860 foi reduzida a menor modelo pela casa Vuillaume.

O sobrinho de François Fent, de nome *Bernard* (1756-1832) transferiu-se para Londres e ahí montou tambem uma officina de *lutherie*, que teve uma certa nomeada. Seus filhos, *Bernard Simon* (1800-1851), *Martin* (1812 ?), *Jacob* (1815-1849) e *Francis*, o mais novo de todos, foram violeiros de mais ou menos importancia.

William Fent (1833-1852), cujo grau de parentesco com os precedentes nos é ignorado, foi tambem um excellente operario e

distinguiu-se na fabricação de contrabaixos.

Pique

François Louis Pique (1758-1822) foi um dos mais felizes imitadores de Stradivarius, assemelhando-se muito a Nicolas Lupot no genero e perfeição do trabalho.

Deixou optimos instrumentos, com um rico verniz avermelhado escuro e um minucioso acabamento em todas as peças.

As rebecas de Pique orçam-se geralmente entre 60 e 80,000 réis e os violoncellos podem subir até 150,000 réis.

Simoutre

O primeiro membro da familia, que se dedicou a esta industria é *Nicolas Simoutre* (1788-1870) e foi discipulo de Lupot.

Seu filho *Nicolas Eugéne* (nasceu em 1834) tornou-se muito conhecido pela invenção do *supporte harmonico* (1885) e introdução de varios outros melhoramentos na construcção do violino e seus congeneres.

A bibliographia da especialidade deve-lhe tres brochuras, a que alludiremos no ultimo capitulo d'este ligeiro estudo.

Silvestre

No desejo de completar quanto possivel estas notas, pelo menos no tocante aos violeiros de maior nomeada, deixamos esquecer que o titulo d'esta serie de artigos nos poderia ter poupado a citação de um grande numero de fabricantes, que não são positivamente... antigos.

Os Vuillaume, os Gand, os Chanut, os Simoutre estão n'esse caso e se nos abalançamos a desdizer do titulo, para os incluir em uma lista onde parece estarem deslocados, foi tão sómente para significar que durante o seculo passado e na actualidade parece terem-se localizado em França os esforços mais serios e mais tenazes para assegurar á industria do violeiro, um certo nivel artistico, que tão alto subira com a extincta escola de Cremona.

Pela mesma razão citamos os Silvestre, que são por assim dizer contemporaneos nossos.

Pierre Silvestre (1801-1859), discipulo de Lupot e de Gand foi artista de elevado merecimento e legou uma collecção de instrumentos de notavel factura e excellente sonoridade. Esteve 17 annos associado com seu irmão *Hippolyte* (1808-1879), que tinha feito a aprendizagem nas officinas de João Baptista Vuillaume.

Aos violinos dos irmãos Silvestre attribue-se o valor de 60 a 80,000 réis, podendo pagar-se os violoncellos por 120 ou 140,000 réis.

E' um sobrinho d'esses, *Hippolyte Chrétien Silvestre* (nasceu em 1845), que vive actualmente associado a Ernest Maucotel, na Rue du Faubourg Poissonnière, em Paris.

A casa Silvestre & Maucotel é muito vantajosamente conhecida entre os artistas e amadores e especialisa-se na reparação dos instrumentos antigos.

Bernardel

E' tambem uma notavel familia de violeiros contemporaneos.

O seu chefe, *Auguste Sébastien Philippe* (1802-1870), foi um dos melhores artistas do seu seculo e construiu um grande numero de instrumentos, recommendaveis pela madeira, pela factura e pela sonoridade. Foi o primeiro a empregar a feira dupla nos bordões dos instrumentos d'arco.

Seus dois filhos, *Ernest Auguste* (1826-1899) e *Gustave Adolphe* (1832-1904), estiveram-lhe associados desde 1859 até 1866, ligando-se depois a Eugène Gand, o reputado mestre de quem anteriormente nos occupamos.

Com a morte d'este ultimo e tendo-se seis annos antes retirado da sociedade o irmão, ficou Gustave Bernardel como unico proprietario da casa. Hoje a firma social da antiga casa Bernardel é constituida pelos seus successores, os srs. Caressa e Français.

Ainda vive um Bernardel, de nome *Léon* nasceu em 1853, filho de Ernesto Augusto; depois de ter trabalhado bastantes annos no *atelier* dos seus parentes, fundou casa propria em 1898.

Houve tambem em Amsterdam um L. Bernardel que era parente dos afamados violeiros parisienses. E' apenas conhecido por uma etiqueta de 1844.

(Continúa)

L.

A Harpa chromatica

A harpa chromatica, a que já aqui temos alludido e de que publicamos mesmo ha annos uma ligeira monographia, acaba de sujeitar-se em Paris a uma prova, tão brilhante como decisiva, em confronto com a harpa do antigo systema.

Ainda não ha muito que a harpa chroma-

tica se adoptou no Conservatorio de Paris, a exemplo do que anteriormente se tinha feito em muitos outros conservatorios francezes e belgas, com exito o mais lisongeiro. Agora teve logar, no mais importante lyceu musical da França, o primeiro concurso ou exame em que figurou o novo instrumento a par do antigo e podemos affirmar que os resultados obtidos não foram nada desfavoraveis ao interessante invento de Mr. Gustave Lyon, antes mereceram os suffragios da maioria do publico que enchia o vasto salão de concertos do Conservatorio.

Apesar de começar ás 9 horas da manhã, o concurso de harpa chromatica attrahiu um numerosissimo publico, curioso de vêr como se comportavam, em mãos de alumnos, esses instrumentos sem pedaes, engenhosamente simplificados pela casa Pleyel e que libertam o instrumentista de uma incommoda, desgraciosa e barulhenta gymnastica pedestre, facilitando ao mesmo tempo a execução de muitas passagens que até aqui eram consideradas inexequivéis.

A experiencia foi decisiva e todos os concorrentes decifram sem esforço o trecho expressamente escripto por um dos membros do jury, para fazer valorisar os meritos da harpa sem pedaes.

O compositor Reynaldo Hahn, positivamente encantado com o novo instrumento declarou: — «que os compositores, d'aqui em diante, não precisavam quebrar a cabeça para espalhar luminosas cousas no conjunto da sua instrumentação, nem dar tratos á imaginação para saber se se podia tocar o *sol bemol* ou se o *si* tinha tempo de voltar a ser *bequadro*».

Alexandre Georges, Camille Erlanger, Xavier Leroux, Charles Widor e outros grandes mestres francezes tambem se mostraram entusiasmados com a harpa Lyon.

Francisco de Lacerda

Este nosso talentoso compatriota acaba de ser escolhido, na qualidade de regente e director d'orchestra pelo Casino Municipal de La Baule (Loire inferior), afim de inaugurar officialmente a estação balnear, depois dos grandes melhoramentos que o mesmo Casino recebeu.

Temos presentes os programmas de varios concertos já realisados, nos quaes se affirma o gosto e selecção na escolha dos trechos. Os concertos são: ou absolutamente classicos, ou de estylo symphonico, em que a escola franceza moderna predomina.

mina; realisando-se ás 4.^{as}, 5.^{as} e sabbados, sendo os mais d'esses dias, um ás 4 e meia da tarde, e outro ás 9 da noite.

Como specimen de boa composição dos programmas, damos a seguir a lista dos numeros que constituiram um dos concertos classicos:

Symphonia Pastoral.....	Beethoven
Bodas de Figaro (abertura)	} Mozart
(aria de sop.)	
1. ^o tempo da symphonia em sol menor.....	Idem
Freischütz (abertura).....	Weber
1. ^o tempo do 1. ^o concerto de violino.....	Vieuxtemps
Minuetto e Chaconne.....	Gluck

Os outros programmas — tão variados quanto bem escolhidos — accusam igualmente a superior orientação do nosso illustre compatriota, a quem os jornaes locais, unanimemente, conferem os mais elogiosos conceitos.

NOTICIARIO

DO PAIZ

Devem começar amanhã, 1 de setembro, as audições do sexteto hespanhol contratado pelo Casino de Cascaes para a presente epoca balnear.

São os seguintes os artistas que o compõem: — D. José Bonnet (pianista) que fez já parte dos sextetos da Figueira e de Espinho e que é considerado como um dos melhores artistas d'esta especialidade, D. Francisco Benetó (1.^o violino) professor da *Sociedade de musica de Camara*, de Lisboa, D. Odon Gonzalez (2.^o violino) primeiro violino no *Theatro Real* de Madrid e na *Sociedade de Concertos*, segundo na *Sociedade de quartetos* de Madrid, D. Eduardo Escobar (violeto) professor da *Sociedade de Concertos*, e do *Theatro Real*, D. Manuel Calvo y Burguet, (violoncello), professor do Conservatorio de Madrid, do *Theatro Real* e da *Sociedade de Concertos*, finalmente D. Luiz Gracia (contrabaixo), tambem professor do *Theatro Real* e da *Sociedade de Concertos*.

Dizem-nos que o repertorio do sexteto é muito variado, contendo *ouvertures* do Coriolano, Mélusine, Leonóre III, Mestres Cantores, etc. e *fantasias* sobre a Lakmé, Martha, Mignon, Herodiade, D. Branca, Manen, Dolores, Mestres Cantores, Mephistopheles, Ero e Leandro, etc.

Haverá como nos annos anteriores um concerto semanal de musica classica.



Temos n'esta administração varios pedidos de numeros da nossa revista, que se acham esgotados. Trata-se dos numeros: 1, 2, 6, 9, 11, 40, 42, 56, 57 e 59.

A quem se não interesse pela colleccionação da revista e deseje ceder um ou varios d'esses numeros, muito agradeceriamos o favor de um aviso.



Os concertos de 20 e 21 do corrente, respectivamente em Cintra e no Mont'Estoril, tiveram ao que nos consta uma selecta concorrencia e um brilhante exito artistico.

Ao primeiro, em que tomou exclusivamente parte o insigne pianista Rey Colaço assistiram Suas Magestades e Altezas.

Tocou Colaço o *Clair de Lune*, de Beethoven, *Pastorale* e *Capriccio* de Scarlatti, *Romance*, de Schumann, *Scherzo*, de Mendelsohn, *Preludio*, *Marcha*, e *Estudo*, de Chopin, *Marche des nains*, de Grieg, *Impromptu*, de Schubert, *Valsas*, de Widor, *Sérenade* de Borodine, *Canção* e 4.^o fado de sua propria composição e *Banjo* de Gottschalk sendo em todas as peças, como de costume, applaudidissimo.

No concerto de 21, que teve logar no Hotel de Italia e era promovido pela violinista D. Pilar Barrasa, tambem houve bastante entusiasmo.

Esta senhora, que veiu a Portugal com recommendação da Infanta das Asturias, para o ministro hespanhol n'esta côrte, o sr. D. Manuel Polo de Barnabé, parece que se dispõe a professar a arte do violino, dando lições e concertos.

Sobre o seu merecimento, não lhe tendo ouvido senão um trecho no concerto de 15, e não tendo podido, por imprescindiveis affazeres, assistir a este, difficil se nos torna formular juizo seguro. São-lhe todavia favoraveis as apreciações da imprensa diaria.

Os professores Garin, Colaço e D. Adeline Rosenstok tambem tomaram parte no concerto, assim como a encantadora Jeanne Colaço, filhinha primogenita do illustre mestre e a sr.^a D. Iréne de Gonta Gilman, gentil cunhada de Jorge Colaço.

Abrilhamtavam ainda o programma umas poesias recitadas pela esposa do notavel pintor, a sr.^a D. Branca Collaço, que nos dizem ter sido admiravelmente ditas.



Sob a presidencia do sr. dr. José Barbosa de Castro Junior secretariado pelos srs. Irene Paes e Alberto Leão filho reuniu a assembleia geral do *Orpheon Portuense*, para apresentação do relatório e contas da direcção e respectivo parecer do conselho fiscal, eleição e discussão do projecto de reforma dos estatutos.

O relatório e parecer foram approvados sem discussão sendo reeleitos por aclamação todos os cargos sociaes.

As modificações mais sensiveis do antigo estatuto são as seguintes:

A annuidade de 6.7000 réis passa a ser de 9.7000 réis a começar no 1.º de outubro proximo.

O anno economico da Sociedade é de 1 de julho a 30 de junho.

O socio que, tendo deixado de pagar a cobrador não o fizer dentro de 30 dias depois de avisado por escripto pelo conselho administrativo, considerar-se-ha como despedido.

A entrada para as festas do Orpheon far-se-ha por cartões pessoaes e intransmissiveis, e desde que a apresentação d'esse bilhete seja feita por pessoa differente, será cassado, applicando-se ao socio o disposto no artigo antecedente.



Nas proximas manobras do outomno terá logar no planalto do Bussaco uma missa campal durante a qual as bandas militares em numero de quatro, executarão juntas uma transcripção do Tannhaüser, sob a direcção do mestre mais antigo, o sr. Gloria Reis.



Em um concurso de bandas, que recentemente se realisou em Badajoz obteve o segundo premio a nossa banda d'infantaria 10, aquartellada em Chaves e dirigida por um artista tão modesto como distincto, o sr. João Carlos Pinto Ribeiro.

Consistiu o premio na quantia de 3:000 pesetas.

A mesma banda tocou tambem diversas peças do seu repertorio no passeio de S. Francisco, d'aquella cidade, sendo muito applaudida.



A *Vanguarda* de 24 d'este mez insere um bem elaborado artigo, estranhando que a nossa illustre violoncellista Suggia ainda

não fosse agraciada com o officialato de S. Thiago, como merecida recompensa do seu altruismo e talento, tantas vezes comprovados.

Perfilhamos convictamente as palavras do collega, a quem agradecemos a transcripção do nosso ultimo artigo ácerca da nossa eminente artista portuense.



Consta que o *Orpheon Portuense* escripturou para dois concertos, que terão logar em fins de março ou principios de abril a notavel e formosa cantora parisiense, Mademoiselle Palazara, que a uma bella voz allia uma dicção impecavel — e Mr. Mustel fils, cujo admiravel talento no *Harmonium Célésta* lhe tem valido os mais lisongeiros successos em toda a parte.

Estão tambem contractados os celebres artistas Crickboom (violinista) Clotilde Kleeberg (pianista) Marie Gay (cantora) F. Busoni (pianista) Kreifslser (violinista) e Eduardo Risler (pianista).

Felicitamos o sympathico *Orpheon* por tão valiosas acquisições.



Em 26 do corrente effectuou-se no Club de Leça o primeiro concerto d'esta epoca.

Tomaram parte um magnifico sextetto, o tenor sr. José de Brito, a professora sr.ª D. Alexandrina Castagnoli, o illustre violinista sr. Moreira de Sá, e sua filha D. Leonilda.

Segundo noticiam os jornaes do Porto, a festa decorreu brilhantissima, sendo todos os executantes muito applaudidos.



Parte brevemente para Leipzig, como pensionista do Estado, o sr. David de Sousa, laureado alumno de violoncello do nosso Conservatorio.



O nosso conhecido violinista Nicolino Milano foi contractado para segundo maestro do theatro de S. João, do Porto.



O padre Thomaz Borba, illustre professor de harmonia do Conservatorio, está compondo a musica para uma opereta de costumes açorianos, escripta pelo sr. Faustino da Fonseca.

Encontra-se temporariamente em Lisboa a illustre violinista amadora. a sr.^a D. Alice Salusse, que voltará dentro em pouco para Inglaterra.

O rev. conego Castro, d'Evora, pediu em casamento para seu afilhado sr. Frederico Villaret, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Josephina da Silva Pereira, gentilissima filha do nosso bom amigo Jacintho Soares da Silva Pereira e irmã do distincto violinista Raul da Silva Pereira.

DO ESTRANGEIRO

Annuncia-se para breve em Turim a 1.^a representação de uma opera nova «Ozanna» libretto de M. Viellanis musica de Amilcare Zancella, director do Real Conservatorio de Parma.

No Dal Verme de Milão cantar-se-ha na proxima estação uma opera em um acto e dois quadros, «Lo Schiavo di Cleopatra», libretto de Graziani musica do joven compositor Edoardo Bellini, e finalmente no theatro de Recanali deve cantar se tambem uma opera inedita «Simma» do maestro Quirino Lazzarini.

Inaugurou-se ultimamente em Napoles em uma casa da «Strada Corsea» outr'ora habitada por Donizzetti, uma lapide commemorativa em honra do auctor da «Lucia» e da «Filha do Regimento».

Commentando o facto escreve um jornal italiano «Mais vale tarde do que nunca».

BIBLIOGRAPHIA

Novos jornaes recebidos: — «O Minho», orgão do partido regenerador em Vianna do Castello e «O Aventureiro» semanario de litteratura e critica, publicado em Lisboa.

O primeiro começou a publicação em 24 de julho e o segundo em 31 do mesmo mez.

Recebemos e agradecemos o n.º 2 da collecção theatral, contendo a cançoneta comica, *Bin á excurxon*, e o monologo: *Um engano...* originaes do sr. Henrique Torres (Violette).

NECROLOGIA

Noticiamos magoadamente o fallecimento do sr. Antonio Maria d'Araujo Esmeriz, pae do sr. Antonio Esmeriz e irmão dos snrs.

Luiz e João Esmeriz, distinctos professores de musica.

Deu-se o triste acontecimento a 16 d'este mez, em Braga, onde o finado professava de ha muito a arte, na qualidade de eximio violinista. Era tambem professor de musica no collegio do Espirito Santo, director da orchestra do theatro de S. Geraldo e musico da Sé Primaz.

A' familia enlutada, e em especial ao sr. João Esmeriz, nosso illustre correspondente em Braga, enviamos a expressão sincera do nosso pezame.

Em 18, victima de uma congestão, falleceu a sr.^a D. Maria Augusta Bartz Wismar, proprietaria do estabelecimento musical da rua nova da Trindade, que tinha sido fundado por Carlos Augusto Habel, fallecido ha dois annos.

Contava apenas 49 annos de idade.

Ao nosso bom amigo Agostinho Franco, redactor musical do *Seculo* e distincto violoncellista, enviamos as mais sentidas condolencias pela perda de seu extremoso pae, o sr. José da Silva Franco.

Era o fallecido um antigo e zeloso funcionario do ministerio da Fazenda, onde exerceu importantes cargos e commissões de serviço publico.

Falleceu com 82 annos.

Sucumbiu aos estragos da tuberculose o sr. Eduardo Julio de Lima, joven violinista, que não contava mais de 16 annos de idade e cursara com muita distincção o Conservatorio. nas aulas de Victor Hussla e Betencourt de Vasconcellos.

Era filho do thesoureiro do Conservatorio, o sr. Jayme Lima, a quem enviamos os nossos sentimentos.

VIOLETA

VENDE-SE uma de valor, que pertenceu a um dos primeiros artistas portuenses, já fallecido.

Diz-se n'esta redacção.

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 44

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde : **Rua do Alecrim, 17, 1.º**

(Junto ao Caes do Sodré)

Cursos nocturnos

As aulas abriram a 1 de outubro e fecham a 31 de julho
A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o
anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para alli
se fazer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos
alumnos.

PROFESSORES

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
Julio Cardona, Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro,
José Henrique dos Santos, Wenceslau Pinto e Rodrigues Beraud*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre :

HAMBURGO — PORTO — LISBOA

ANTUERPIA — PORTO — LISBOA

LONDRES — PORTO — LISBOA

LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo.

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTT GART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e *sympathica*, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

LEITURA MUSICAL POR ASSIGNATURA ALUGUEL DE MUSICA POR 500 RÊIS MENSAES

A casa Lambertini, suppondo prestar um verdadeiro serviço á Arte Musical e aos seus cultores, teve a honra de introduzir em Portugal o *Aluguel de Musica*, pelo *systema* ja de ha muito adoptado nas grandes casas estrangeiras da especialidade e apenas com uma differença — a de ser muito mais economico que lá fóra.

Ao principio, o *systema* não foi comprehendido por todos e houve hesitações em acceitar a nossa *Leitura Musical*, como uma distracção e um passatempo interessantissimos e como o unico meio de formar uma boa educação artistica.

Triumphou finalmente dos velhos habitos e rotinas, a boa orientação artistica dos nossos principaes amadores, e finalmente se comprehenderam todas as vantagens que podem advir de uma leitura constante das melhores obras musicas em todos os generos, já pela facilidade de tocar á primeira vista, já pelo estudo dos grandes mestres, já pela analyse das diversas escolas, já finalmente, pela deliciosa distracção que isso proporciona aos que amam a divina Arte dos Mozart e dos Beethoven.

Peçam-se os catalogos e supplementos

LAMBERTINI

43, 44, 45, P. Restauradores, 47, 48, 49

EDIÇÕES DA CASA

LAMBERTINI

43—PRAÇA DO RTMMMMMAURDOR—49

—LISBOA—

Litteratura musical

Ernesto Vieira: — Diccionario biographico de musicos portuguezes, 2 vol. adornados com 33 retratos, fóra do texto e na sua maior parte absolutamente ineditos, broch.....	4\$000
<i>Encadernado com capas espeziaes</i>	5\$500
Ernesto Vieira: — Diccionario musical, ornado de numerosas grav., (2. ^a edição)	1\$800
Michel'angelo Lambertini: — Chansons et instruments, renseignements pour l'etude du folk-lore portugais (não está no commercio).....	—\$—
Arte Musical: — Revista quinzenal fundada em 1899 e illustrada com gravuras, cada anno publicado.....	2\$400
<i>Encadernado com capa especial</i>	3\$000
Annuario Musical, fundado em 1900. Luxuosa publicação ornada de muitas gravuras. Cada anno.....	1\$000

Canto e piano

Pereira: — Natus est Jesus, texto portuguez.....	500
Schira: — Sognai, texto italiano.....	300
» L'ultima lagrima, texto italiano.....	300

Violino e piano

Hussla: — Feuille d'album.....	600
---------------------------------------	-----

Piano só

Battmann: — Aida, petite fantasia.....	400
Bellando: — Melodia romantica.....	400
» Nostalgia.....	400
Bomtempo: — Chrysantème, menuet.....	500
Braga: — Perle du Chiado, valse ..	400
Brinita: — Romance sans paroles ..	600
» Menuet ..	400
Carpentier: — Aida, transcription facile.....	300
Colaço: — Fado Hylario.....	600
» Fado corrido e Fado do Pintasilgo.....	800
Daddi: — Rimembranza, valsa.....	400
Florez: — Trevo, valsa.....	500
Furtado: — Zininha, valsa.....	500
Hussla: — Quarta Rapsodia portugueza.....	800
Lacerda: — Canção do Berço ..	400
» Lusitanas, valsas.....	600
Mackee: — Caressante, valsa ..	500
» Honey Moon, valsa.....	500
Mantua: — Grata, valsa.....	500
» Pas de quatre (Broinhas de milho).....	500
» P'ra inglez ver, valsa.....	500
» Devaneio, valsa.....	500
Mascarenhas: — Celeste, polka.....	300
Oesten: — Clochette des Alpes ..	400
Oliveira: — Caldas Club, pas-de-quatre ..	500
Pereira: — Lisboa á noute, valsa.....	500
Pinto: — Confidence, valsa.....	500
Rover: — Arte Nova, valsa.....	500
Sapetti: — Espoir d'amour, valsa.....	500
Collecção de Fados	800

GRANDE SORTIMENTO DE MUSICAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS DE TODAS AS EDIÇÕES

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz. professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima. professor de guitarra, <i>Rua das Pretas, 23</i>
Alberto Sarti. professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira. professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço. professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua. professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni. professor de violino, <i>Praça do Príncipe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller. professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos. professora de piano e órgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Gonçalves. professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio. professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
Carolina Paihares. professora de canto, <i>Rua dos Poyaes S. Bento, 71, 2.º</i>
Eduardo Nicolai. professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Ernesto Vieira. <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Nazareth Silva. prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia. professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71</i>
Francisco Benetó. professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Guilhermina Callado. prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte. professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque. professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior. professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior. professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos. prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julietta Hirsch. professora de canto <i>Rua Raphael d'Andrade, R. G., 3.º</i>
Léon Jamet. professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilla Moreira. professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 5 r/c</i>
H.º Sanguinetti. professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes. professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin. professor de piano, <i>C, da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco. professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch. professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha. professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca. professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés. professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte)...	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA